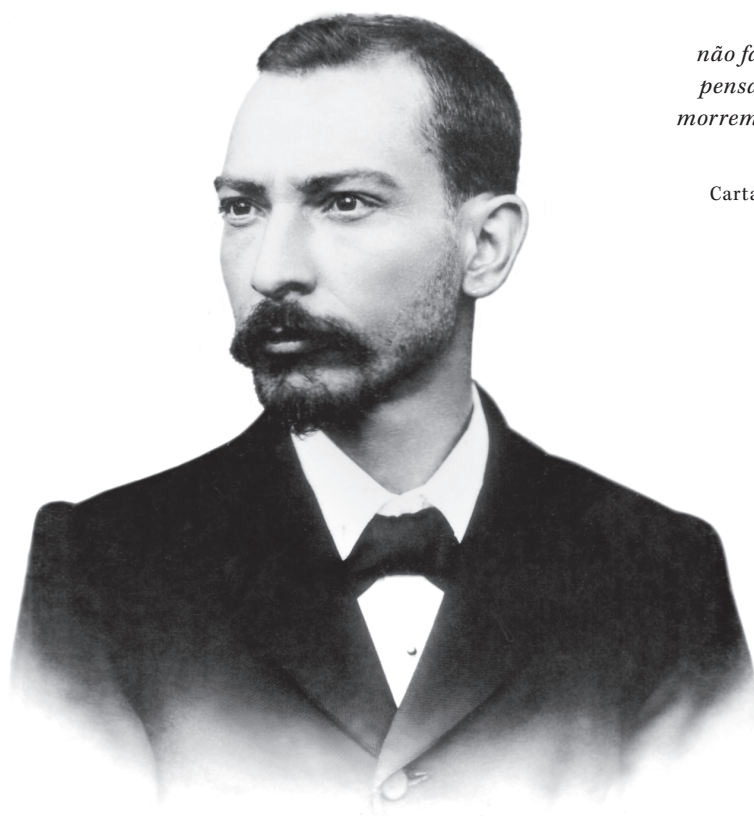


Francisco Valle



“Lembre-se bem que os próprios gênios não fazem sua carreira tão facilmente como se pensa. Ao contrário, na maior parte das vezes, morrem desconhecidos e só se consagram depois que seus ossos estão reduzidos a cinza.”

Carta de Francisco Valle a seu pai (Paris, 5 jan. 1889)

Francisco Valle aos 36 anos
AFV

Francisco Magalhães do Valle nasceu em 20 de março de 1869 no distrito de Porto das Flores, então pertencente à cidade de Juiz de Fora (MG), na Fazenda São Joaquim, de seu avô materno, o alferes Francisco Ribeiro Magalhães (?-1890). Estudou primeiramente com seu pai, o flautista Manuel Marcelino do Valle (1839-1903), sendo posteriormente aluno de piano de Elisa Schmidt e Wilhelm Bickerle. De acordo com o biógrafo Américo Pereira, Francisco Valle começou a compor aos quatorze anos de idade e, a partir de 1885, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde estudou piano com Alfredo Bevilacqua (1846-1927) e harmonia com Miguel Cardoso (1850-1912). Seus colegas nesses estudos de harmonia foram Sílvio Deolindo Fróis (1865-1948) e Alberto Nepomuceno (1864-1920). Suas primeiras obras, escritas sob orientação de Miguel Cardoso, foram a *Sonata em Dó menor* (C-FV 19) e a *Mazurca Sentimental* (C-FV 10). Um crítico não-identificado da época, citado por Américo Pereira, registrou na revista *A Vida Moderna* suas impressões sobre uma apresentação de Francisco Valle em 17 de julho de 1886, em um salão da elite carioca da Belle Époque: “Revolução [...] nas artes, isso sim. [...] tive ocasião de admirar um petit prodige. [...] Naquela noite ouvi e admirei uma Sonata no gosto de Beethoven, e uma inspirada Mazurca originalíssima, cheia de deliciosas surpresas, de uma notável delicadeza de composição e estilo”.

Foi nesse ano de 1886 que, de fato, Francisco Valle começou a se projetar como pianista. Em agosto exibiu-se no Club Beethoven do Rio de Janeiro e em setembro na Exposição Industrial de Juiz de Fora. Seu concerto para a Princesa Isabel no Paço de São Cristóvão, também em setembro, rendeu-lhe uma carta de apresentação para o Imperador Pedro II, que se encontrava então em Paris. Estimulado pela rápida ascensão profissional, partiu para a França em setembro de 1887, com recursos financeiros de seu avô materno, mas não há dúvidas de que recorreu ao auxílio de vários amigos para sustentar-se. Vivendo modestamente na capital, foi aluno ouvinte do Conservatório de Paris, estudou piano com Charles-Wilfrid Bériot (1833-1914) e órgão com Charles-Marie Widor (1844-1937). Todavia destacaram-se, para sua formação, as aulas particulares que teve com César Franck (1822-1890) que, conhecendo as dificuldades financeiras do jovem Valle, reduziu à metade o preço de suas lições.

Durante sua estada em Paris, Francisco Valle reencontrou seu colega brasileiro Sílvio Deolindo Fróis, além dos compositores Alexandre Levy (1864-1892) e Francisco Braga (1868-1945), que lá também estudavam. Sílvio Fróis, em uma carta de 1938, deixou um importante testemunho das atividades de Francisco Valle naquela capital e de sua amizade com os franceses André Dulaurens (1873-1932) e Charles Tournemire (1870-1939), relatando inclusive que “*Tournemire fazia dele [Valle] excelente conceito, tanto mais quanto César Franck o considerava um de seus mais talentosos discípulos, e o mesmo sucedera a Widor.*”

Seu regresso ao Brasil foi forçado por circunstâncias pouco animadoras. A morte do avô em 1890 havia deixado a família em difícil situação financeira. As cartas trocadas entre Valle e seu pai revelam que este, no final da década de 1890, cogitava vender o próprio sítio da família. Em carta de 3 de maio de 1891, Francisco Valle admitiu não haver mais possibilidade de continuar em Paris. Segundo Fróis, ele partiu em terceira classe, recusando-se a receber ajuda financeira de seus companheiros. O mais notável nessas cartas é a consciência de Francisco Valle de que seus estudos não estavam completos: “*Certamente não é em três anos e tanto que um artista se forma, mas creio que não perdi meu tempo.*”

O compositor retornou ao Brasil trazendo em sua bagagem composições de fôlego, na esperança de conseguir uma pensão do governo de Minas Gerais para fortalecer o seu trabalho, embora esse auxílio nunca tenha sido concedido. Na referida carta de 3 de maio de 1891, escreveu a seu pai: “*O mais importante [...] é procurarmos um meio de eu concluir meus estudos: nutro esperanças de obter uma pensão da província de Minas, por ser filho de Juiz de Fora e poder assim voltar, no fim de alguns meses, para continuar minha carreira.*”. Em 30 de agosto de 1891, Francisco Valle realizou um concerto no Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro, no qual foram executadas suas primeiras obras orquestrais: *Pastoral* (C-FV 13b), *Telêmaco* (C-FV 22; PAMM 16), *Valse-Scherzo* (C-FV 25; PAMM 14) e *Rêverie* (C-FV 18a). *Telêmaco* (com o subtítulo “Cenas Sinfônicas”), composto no estilo dos poemas sinfônicos românticos, era a obra de maior envergadura escrita por Valle até aquele momento. A *Pastoral*, ao que tudo indica, foi escrita para piano no Brasil (C-FV 13a) e orquestrada posteriormente em Paris. A *Valse-Scherzo* parece ter sido escrita em Paris, a julgar pelas informações em francês no manuscrito autógrafo. *Rêverie*, até o momento, foi localizada apenas em uma versão para piano (C-FV 18b). Outras obras compostas até então, como o *Minueto Capricho* (C-FV 11a) para oito instrumentos, exibem clara influência de Beethoven. Valle certamente já conhecia a música de Beethoven antes de viajar para a Europa, tanto que fez referência a ela em sua *Sonata em Dó menor* (C-FV 19), mas é provável que tenha aprimorado seus conhecimentos sobre a música do compositor alemão em suas aulas na França, aplicando-os em algumas composições escritas a partir de então.

No Brasil, Francisco Valle passou um curto período dando aulas de piano em fazendas da região de Juiz de Fora, casando-se em 1894 com Maria da Conceição Coimbra, que faleceu em 1903, mas com a qual teve três filhos. Um ano após seu casamento, Francisco Valle transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde viveu como professor de piano, mas também apresentando suas composições, como no concerto organizado por Antônio Carlos Gomes (1836-1896) e Vincenzo Cernicchiaro (1858-1928) no Teatro São Pedro de Alcântara, em outubro de 1893, e no bem-sucedido concerto que realizou no

Clube Sinfônico em agosto de 1895. Foi também nomeado membro honorário do conselho do Instituto Nacional de Música em 1896, integrando bancas de exames na instituição. Uma doença neurológica que já se manifestava por essa época obrigou-o a retornar para Minas Gerais em outubro de 1899, fixando-se em Juiz de Fora. Recuperado de sua doença, Valle casou-se com Petrina Leal, tendo com ela seu quarto filho.

Os primeiros anos da República foram marcados por vários golpes políticos, como a Revolta da Armada, o Encilhamento, a Revolução Federalista e a Revolta de Canudos. A produção de Francisco Valle nesse período, a julgar pelos títulos de suas obras e pelos comentários de Américo Pereira, refletem os acontecimentos políticos dessa fase. Um exemplo é o poema sinfônico intitulado *Depois da Guerra* (C-FV 05), inspirado na Revolta da Armada (1893-1894), que foi apresentado no Rio de Janeiro em 1897, sob a regência de Alberto Nepomuceno. Em 1900 o compositor escreveu o *Hino* (C-FV 08) para celebrar o Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil. Nesse mesmo ano apresentou, no Teatro Novelli de Juiz de Fora, várias de suas novas composições, entre elas a versão para dois pianos do *Bailado na Roça* (C-FV 02a), inspirado em motivos populares brasileiros, incluindo, ao final, um “Samba”. Embora a peça reflita uma visão absolutamente européia e idealizada do folclore brasileiro, Valle realizou outras experiências nesse campo, sendo chamado, como era costume na época, de “folclorista”. Em 1905 apresentou em Juiz de Fora uma palestra usando como exemplo uma série de variações ao piano sobre o já conhecido tema *Vem cá Bitu* (C-FV 26), que ao longo do século XX passou a ser cantado com a poesia *Cai, cai balão*.

Em 1906 Valle escreveu sua última obra completa – *O Batel da Dor* (C-FV 03), para dois pianos – provavelmente inspirada no trágico naufrágio do navio Aquidaban. Trata-se de outra série de variações, porém maiores e mais sofisticadas. Nesse mesmo ano, em 10 de outubro, Francisco Valle não resistiu à sua angustiada neurastenia e atirou-se ao Rio Paraibuna. Seu corpo foi encontrado somente depois de alguns dias. O conhecido crítico José Rodrigues Barbosa, em um texto publicado em 1922, porém muito provavelmente escrito vários anos antes dessa data, referiu-se da seguinte maneira aos últimos dias de vida do compositor:

Vindo ao Rio de Janeiro, novamente sob a agressão de uma forte neurastenia que se renovava, Francisco Valle, que confiara ao maestro Alberto Nepomuceno o seu poema sinfônico Telêmaco para ser ouvido

nos concertos populares, não pôde ouvir o seu trabalho. No dia do concerto ele regressou pela manhã para Juiz de Fora, onde a moléstia o atormentou bastante até o dia em que ele procurou alívio no fundo das águas do Paraibuna, onde foi encontrado.

Francisco Valle recebeu um pequeno espaço nas histórias da música brasileira publicadas por Guilherme de Mello (1908), José Rodrigues Barbosa (1922), Renato Almeida (1926 e 1942), Vincenzo Cernicchiaro (1926), Francisco Acquarone (1948) e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (1956), mas começou a desaparecer de publicações de caráter mais geral a partir da década de 1960. Seu maior biógrafo foi o referido professor, médico e escritor Américo Pereira, que fez imprimir um pequeno folheto sobre o compositor em 1923, fonte de vários dos livros acima referidos, e um artigo menor ainda, porém impresso na prestigiada *Revista Brasileira de Música*, em 1938. Mas o principal trabalho de Américo Pereira sobre Francisco Valle foi um livro impresso em 1962, hoje a fonte biográfica mais completa sobre o compositor, tendo sido particularmente importante para o presente levantamento de suas obras.

Quanto ao arquivo de Francisco Valle, parece ter sido inicialmente preservado por sua família, embora várias obras e papéis possam ter se perdido já na primeira metade do século XX. Há indícios de que o arquivo ficou algum tempo em poder de Oscar Guanabara (1851-1937) e de Heitor Villa-Lobos (1887-1959), ou que ao menos foi consultado por eles; Guanabara chegou inclusive a elaborar uma listagem das composições de Valle com base nesse material.⁵ Em circunstâncias desconhecidas, mas provavelmente em torno da década de 1920, uma parcela substancial do arquivo foi recebida pelo escritor Américo Pereira, o que parece ter motivado a publicação de seus três trabalhos sobre o músico mineiro. Após o falecimento de Américo Pereira, sua filha localizou o material e, em um gesto altruísta, decidiu fazer chegá-lo às mãos de algum membro da família Valle, localizando, por telefone, o também escritor, poeta e acadêmico Alberto Valle, primo distante do maestro e morador em Niterói (RJ).

Sem contatos mais próximos com a comunidade musical, Alberto Valle recorreu ao seu sobrinho residente em São Paulo, Cyro Valle, que iniciou uma longa busca por músicos que pudessem orientá-lo sobre as providências que deveriam ser tomadas em relação ao acervo. A trilha seguida levou-o finalmente a Lúcius Mota, em Tatuí (SP), o qual, por sua vez, em 2003, entrou em contato com Paulo Castagna em São Paulo, originando

⁵ “Oscar Guanabara, no folheto do Jornal do Comércio – Pelo Mundo das Artes, em 13 de junho de 1823, publicou a relação das composições musicais do maestro Valle, que recebeu do Dr. João Valle, entre as quais se incluíam a Suíte n.3, partitura para orquestra de cordas (*Alegreto* [sic] e *Final*). *Regina cæli*, para canto a solo, com acompanhamento de pequena orquestra e *Mistérios*, noturno, para piano. Estas produções se extraviaram, assim como os Prelúdios, para piano, e a *Rêverie*, para orquestra, executada no concerto de 1891, no Teatro São Pedro de Alcântara.” PEREIRA, Américo. *O maestro Francisco Valle: ensaio crítico-biográfico*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1962. p.121-122.

o grupo que deu início às discussões sobre os possíveis destinos do arquivo de Francisco Valle. Foi assim que, em 15 de junho de 2005, no Teatro Procópio Ferreira, alunos do Conservatório de Tatuí, sob a orientação de Lúcius Mota, executaram o já citado *Minueto Capricho* (C-FV 11a), a partir dos manuscritos do Arquivo Francisco Valle. Essa iniciativa estimulou projetos de maior fôlego, especialmente a inclusão do compositor na presente série editorial e a doação do acervo recebido por Alberto Valle e Cyro Valle para o Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte, garantindo, assim, sua preservação definitiva e sua disponibilização à comunidade musical e musicológica. Destaque-se, ainda, a homenagem realizada a Francisco Valle com a execução da versão orquestral do *Bailado na Roça* (C-FV 02b), em 28 de julho de 2007, no concerto de encerramento do XVIII Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga do Centro Cultural Pró-Música de Juiz de Fora, pela Orquestra Colonial do Festival, no Cine-Teatro Central, iniciativa que, juntamente com as ações até agora empreendidas, evidencia uma nova fase de interesse em torno desse compositor.

Paralelamente, uma pequena quantidade de manuscritos com obras de Francisco Valle foi localizada na Biblioteca Alberto Nepomuceno da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Considerando-se a passagem

do compositor pelo Rio de Janeiro e a regência de algumas de suas obras pelo próprio Nepomuceno, não surpreende que tais composições, algumas delas autógrafas, tenham sido arquivadas na biblioteca do então Instituto Nacional de Música. No início do século XX o bibliotecário Guilherme de Mello (1867-1932) catalogou quatro peças de Valle, uma das quais, *O Batel da Dor*, não foi ali localizada, mas sim no Arquivo Francisco Valle. Por fim, duas peças impressas para piano, *Mazurca Sentimental op.1* (C-FV 10) e *Prelúdio op.3, n.2* (C-FV 14), foram localizadas respectivamente na Biblioteca do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista e na Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional.

Uma listagem das obras de Francisco Valle pode ser visualizada na abela 1 abaixo. Confrontando-se as relações de obras até agora publicadas, especialmente a de Américo Pereira (que engloba a de Oscar Guanabarino), com as peças encontradas nos quatro acervos citados, constata-se que pelo menos nove obras ou versões de obras desse compositor encontram-se desaparecidas (indicadas por asterisco). Não estão incluídas na tabela abaixo sete outras peças manuscritas sem indicação de autoria que existem no Arquivo Francisco Valle e nem as transcrições para órgão e piano que Valle fez de obras de Bach, Beethoven e Schumann, referidas por Américo Pereira.⁶

Tabela 1

| COMPOSIÇÕES CONHECIDAS | ACERVOS | | | | CATÁLOGOS | | |
|--|---------|-----|-----|------|-----------|----|-----|
| | AFV | BAN | BIA | BNRJ | GM | AP | EMB |
| C-FV 01 <i>Antes no Céu</i> Versão para piano (original para coro?) | • | | | | | • | • |
| C-FV 02a* <i>Bailado na Roça</i> - 1900 Peça característica Versão para dois pianos | | | | | | • | |
| C-FV 02b <i>Bailado na Roça</i> - 1906 Peça característica Versão para orquestra | | • | | | • | • | • |
| C-FV 03 <i>O Batel da Dor</i> Tema fúnebre e seis variações Dois pianos | • | | | | • | • | • |
| C-FV 04 <i>Canção Infernal</i> Versão para piano (original para coro?) | • | | | | | • | • |
| C-FV 05 <i>Depois da Guerra</i> Poema sinfônico Orquestra | | • | | | • | • | • |
| C-FV 06 <i>Domine, Gloria Patri e Veni</i> Três vozes e instrumentos | • | | | | | • | |
| C-FV 07 <i>Feliz!</i> Versão para piano (original para coro?) | • | | | | | • | |
| C-FV 08a <i>Hino do IV Centenário Brasileiro</i> Versão original, para canto, banda e orquestra | • | | | | | • | |

continua

⁶ Ver: PEREIRA, Américo. op. cit., 1962. p.60-61.

continuação

| COMPOSIÇÕES CONHECIDAS | ACERVOS | | | | CATÁLOGOS | | |
|--|---------|-----|-----|------|-----------|----|-----|
| | AFV | BAN | BIA | BNRJ | GM | AP | EMB |
| C-FV 08b <i>Hino do IV Centenário Brasileiro</i> Redução para canto e piano | • | | | | | | |
| C-FV 08c <i>Hino do IV Centenário Brasileiro</i> Redução para piano a quatro mãos | • | | | | | | |
| C-FV 09 <i>Hino Infantil</i> Canto e piano | • | | | | | | |
| C-FV 10 <i>Mazurca Sentimental op.1</i> - 1886 Piano Edição: Irmãos Vitale [c.1939] (impressa como op.10) | | | • | | | • | • |
| C-FV 11a <i>Minueto Capricho</i> - 1892 Versão original, para octeto | • | | | | | • | • |
| C-FV 11b* <i>Minueto Capricho</i> - 1892 Redução para piano a quatro mãos | | | | | | • | • |
| C-FV 12* <i>Mistérios</i> Noturno Piano | | | | | | • | |
| C-FV 13a <i>Pastoral</i> - 1884 Versão para dois pianos | • | | | | | • | |
| C-FV 13b <i>Pastoral</i> - 1891 Versão para orquestra | | • | | | • | | • |
| C-FV 14 <i>Prelúdio op.3 n.2</i> - 1891 Piano Edição: Casa Bevilacqua | | | | • | | • | • |
| C-FV 15* <i>Prelúdios</i> Piano | | | | | | • | |
| C-FV 16 <i>Recordação</i> Piano | • | | | | | | |
| C-FV 17* <i>Regina cæli</i> Canto e pequena orquestra | | | | | | • | |
| C-FV 18a* <i>Rêverie</i> - 1891 Versão para orquestra | | | | | | • | |
| C-FV 18b <i>Rêverie</i> Versão para Piano | • | | | | | | |
| C-FV 19* <i>Sonata em Dó menor</i> - 1886 Piano | | | | | | • | • |
| C-FV 20 <i>Sonatina em Dó menor</i> Violino e piano | • | | | | | | |
| C-FV 21 <i>Suíte</i> - 1892 Sexteto | • | | | | | • | • |
| C-FV 22 <i>Telêmaco</i> - 1891 Cenas sinfônicas Orquestra | • | | | | | • | • |
| C-FV 23* <i>Tota pulchra</i> Coro e orquestra? | | | | | | • | |
| C-FV 24* <i>Última Canção</i> Berceuse Canto e piano | | | | | | • | • |
| C-FV 25 <i>Valse-Scherzo</i> - 1891 Orquestra | • | | | | | • | • |
| C-FV 26 <i>Variações sobre “Vem cá Bitu”</i> - 1905 Piano | • | | | | | | |
| C-FV 27 <i>Visão ou Perseguição</i> Piano | • | | | | | • | • |
| C-FV 28 <i>Zélia</i> Canto e piano | • | | | | | • | |

A continuidade das pesquisas sobre Francisco Valle certamente revelará a existência de outras cópias de suas peças ou mesmo de novas obras. Flausino Vale afirmou, em 1948, que “*tendo residido em Juiz de Fora, [Valle] ia muito a Barbacena, onde, juntamente com [Manuel Joaquim de] Macedo, lecionou as filhas do saudoso mineiro Dr. Carlos de Sá Fortes, proprietário de fidalga fazenda que existe até hoje [...]. Nesta fazenda há composições de Francisco Valle desconhecidas, em original, entre elas o Naufrágio do Aquidaban [provavelmente C-FV 03], a dois pianos.*”

Para compreender o significado e a importância da contribuição de Francisco Valle, é importante considerá-lo no contexto do romantismo musical brasileiro, cujo apogeu teve lugar entre as três últimas décadas do século XIX e as três primeiras do século XX. Esse movimento representou a assimilação de modelos composicionais franceses e germânicos, em lugar da influência ítalo-lusitana que prevaleceu na música religiosa brasileira dos séculos XVIII e XIX, e da influência predominantemente italiana que caracterizou o movimento operístico oitocentista. Cronologicamente defasados em quase meio século, esses compositores acolheram inicialmente as estéticas personificadas pela música de Beethoven, Mendelssohn (1809-1847) e outros autores do princípio do século XIX. Posteriormente, assimilaram as contribuições de Franck, Liszt (1811-1886), Wagner (1813-1883) e seus contemporâneos. Por mais que este significativo esforço de atualização tenha sido desprestigiado pela

historiografia nacionalista, é fato que através dele o Brasil chegou à transição do século XIX para o XX com uma geração de compositores que dominavam a escrita orquestral, camerística e pianística, européia, exibindo uma notável familiaridade com a linguagem musical do romantismo.

À exceção das duas pequenas peças para piano (C-FV 10 e 14), nenhuma obra de Francisco Valle foi, até o momento, impressa ou gravada. Por essa razão, seu nome não integra o circuito de concertos em nenhuma parte do Brasil há mais de cinquenta anos. Conhecida principalmente como o berço da música religiosa dos séculos XVIII e XIX, pouco se sabe sobre a produção musical romântica em Minas Gerais, sendo raros os estudos sobre autores dessa fase que atuaram no Estado, com destaque para o já conhecido Manuel Joaquim de Macedo (1847-1925), nascido em Cantagalo (RJ) mas estabelecido em Minas Gerais a partir de 1883.

Diante desse quadro, o resgate da música de Francisco Valle representa não apenas uma atitude de preservação da memória musical mineira, mas principalmente a criação de um lugar para essa memória na atualidade. Espera-se que a transferência dos manuscritos de Francisco Valle para o Arquivo Público Mineiro, acompanhada da edição deste repertório quase esquecido, abra o caminho para o resgate de outros autores, acervos e obras, não apenas no estado de Minas Gerais, mas em todo o Brasil.

Lúcius Mota
Paulo Castagna
Cyro Eyer do Valle

BIBLIOGRAFIA

- ACQUARONE, Francisco. *História da música brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1948]. 360p.
- ALMEIDA, Renato. *História da música brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1926. 238p.
- _____. *História da música brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1942. 529p.
- AZEVEDO, Luís Heitor Correia de. *150 anos de música no Brasil (1800-1950)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. 423p. (Coleção Documentos Brasileiros, v.87)
- BARBOSA, [José] Rodrigues. Um século de música brasileira. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 48, n.15.937, p.8-9, 9 set. 1922; n.15.938, p.5, 10 set. 1922; n.15.939, p.3-4, 11 set. 1922; n.15.940, p.5, 12 set. 1922; n.15.942, p.4-5, 14 set. 1922; n.15.943, p.4-5, 15 set. 1922; n.15.944, p.4, 16 set. 1922; n.15.945, p.5, 17 set. 1922; n.15.946, p.4, 18 set. 1922; n.15.947, p.5, 19 set. 1922.
- CERNICCHIARO, Vincenzo. *Storia della musica nel Brasile, dai tempi coloniali sino ai nostri giorni (1549-1925)*. Milão: Fratelli Riccioni, 1926. 617p.
- CORRÊA, Sérgio Nepomuceno Alvim. *Alberto Nepomuceno*: catálogo geral. Rio de Janeiro: Funarte; Promemus, 1985. 76p.
- ENCICLOPÉDIA da música brasileira: erudita, folclórica, popular. São Paulo: Art Editora, 1977. 2v.
- ENCICLOPÉDIA da música brasileira: popular, erudita e folclórica; a diversidade musical do Brasil em mais de 3.500 verbetes de A a Z. 2. ed. São Paulo: Art Editora, Publifolha, 1998. 887p.
- MELLO, Guilherme Theodoro Pereira de. *A música no Brasil: desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República*. Bahia: S. Joaquim, 1908. 366p.
- PEREIRA, Américo. *O maestro Francisco Valle*. Rio de Janeiro: A Noite, 1923. 48p.
- _____. *O maestro Francisco Valle: ensaio crítico-biográfico*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1962. 122p.
- _____. A obra musical de Francisco Valle. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.36-42, 1938.
- VALE, Flausino R. *Músicos Mineiros*; edição comemorativa do Cinquentenário de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1948. 27p.



Francisco Valle em Paris, em 1888
AFV



Charles-Wilfrid de Bériot (1833-1914) em 1890
BNF



Charles-Marie Widor (1844-1937)
BNF



César Franck (1822-1890)
BNF